

1

Avaliação da Qualidade de Vida em Cidades: Fundamentos e Aplicações

José F.G. Mendes

RESUMO

A problemática da qualidade de vida em áreas urbanas vem a ganhar importância acrescida face à tendência para a urbanização global que se observa ao nível mundial. A avaliação da qualidade de vida é uma condição prévia à formulação de estratégias e soluções, que está necessariamente na agenda de investigadores, decisores e utilizadores da cidade.

Neste artigo pretendeu-se fazer uma resenha daquela que tem sido a abordagem e os resultados de uma equipa de investigação da Universidade do Minho ao longo de cerca de quatro anos.

É apresentada a formulação multicritério de um modelo de avaliação da qualidade de vida em cidades. Este contributo conceptual e metodológico, que na sua máxima expressão integra a área do controlo do risco e do trade-off, promete abrir perspectivas até aqui pouco exploradas neste domínio.

A aplicação das metodologias propostas em estudos globais de *ranking* de cidades e de avaliação de qualidade intra-urbana, em Portugal e no Brasil, ilustra o potencial e a utilidade dos modelos.

1. INTRODUÇÃO

A questão urbana assume actualmente contornos extremos, quer em termos da dimensão que atingiu, mensurável através do crescimento exponencial da população a viver em cidades, quer em termos dos problemas de sustentabilidade que se colocam a um mundo essencialmente urbano, quer ainda em termos da qualidade da vida em cidade.

Estimativas recentes das Nações Unidas mostram que, pelo ano de 2015, aproximadamente 55% da população mundial, correspondendo a mais de 3 biliões de pessoas, viverão em áreas urbanas. A percentagem de população urbana nos países industrializados e na América Latina aproxima-se dos 80% (cerca de 74% em 1995, com uma projecção de 80% para 2015), enquanto em África e na Ásia está a crescer rapidamente de 34% em 1995 para uma projecção de 46% em 2015 (Brown, 1999).

A Tabela 1 apresenta a população das 10 maiores cidades do mundo nos anos 1000, 1800, 1900 e 2000. É digno de registo o facto de no ano 2000 apenas três das dez maiores cidades pertencerem a países desenvolvidos (enquanto em 1900 eram nove), sugerindo que o crescimento urbano actual à escala de mega-cidades é essencialmente um fenómeno do mundo em desenvolvimento.

De acordo com o conceito generalizado de sustentabilidade, o desenvolvimento deve viabilizar soluções para os problemas presentes da população sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades. Este conceito não pode ser aplicado de forma restrita a unidades geográficas isoladas, como as cidades por exemplo, já que a área total necessária para sustentar uma cidade, muitas vezes fornecendo recursos e